



O PARQUE DO INGÁ SOB A ÓTICA DOS MARINGAENSES: UMA DISCUSSÃO SOBRE PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Catherine Menegaldi Silva¹, Renan Dalago², Ana Paula Machado Velho³

RESUMO: Esta pesquisa tem por objetivo compreender a percepção ambiental, no aspecto de sensação e cognição, que os maringaenses têm do Parque do Ingá. A metodologia que será utilizada é de caráter exploratório, com análise quanti-qualitativa. Deverá ser aplicado um questionário com perguntas fechadas aos presentes no entorno do parque, em atividades de lazer ou atividades físicas, em três finais de semana. Os dados obtidos serão tabulados e inseridos em um programa de computador (a ser definido) para serem trabalhados estatisticamente. Com a finalidade de subsidiar ações ambientais junto com o Poder Público de Maringá e conscientizar a população maringaense acerca do patrimônio verde que possui.

PALAVRAS-CHAVE: Ecologia Urbana; Sustentabilidade; Parques urbanos.

1 INTRODUÇÃO

Este projeto se preocupa em compreender a relação dos maringaenses com as reservas e parques urbanos da cidade, visto que estes espaços ou não estão disponíveis à visitação ou não apresentam ferramentas eficazes que permitam cumprir as suas missões: diminuir os impactos ambientais das aglomerações urbanas e manter o vínculo do homem com sua essência biológica, sua natureza.

Maringá ganhou o codinome de “Cidade Verde” por possuir em seu perímetro urbano uma grande área verde, preservada desde sua colonização pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, com o intuito de deixar às novas gerações a fauna e a flora originárias da região e também com o desejo de que a população maringaense não sofresse com poluição e tivesse um local saudável para conviver. Porém, não é isso que se vê nos dias de hoje. Essas áreas verdes vêm sendo destruídas e quase nada tem sido feito no sentido de preservação. Um exemplo é o Parque do Ingá, um ambiente de lazer bastante procurado no passado pela população local e vizinha que, hoje, apresenta diversas marcas de abandono, deixadas em consequência da má administração.

Deste modo, a pesquisa aqui proposta vem ao encontro da necessidade de fazer um balanço destas áreas e conhecer a percepção que os cidadãos do município têm sobre a questão das áreas verdes de Maringá, no que diz respeito à sua função como ferramenta que garante o equilíbrio ambiental do espaço urbano e o contato com o ambiente natural tão necessário à espécie humana.

Durante toda a história do homem, compreender o *homo* foi uma das grandes preocupações dos pensadores. Porém, a base da formação do pensamento filosófico ocidental compreendeu, desde o início até pouco tempo, o homem a parte da natureza. É importante lembrar que a palavra natureza surge de *natura*, que significa qualidade essencial, disposição inata, o curso das coisas e o próprio universo (HARPER). *Natura* é a tradução para o latim da palavra grega *physis*, que em seu significado original fazia referência à forma inata que crescem espontaneamente plantas e animais. Entende-se, na argumentação deste projeto, o homem como animal.

Na Antiguidade, os filósofos vão explicar a natureza humana com argumentos teológicos e metafísicos ou, como fez Aristóteles, a partir da sua relação com a sociedade ou pela sua expressão como objeto de observação das suas intervenções nas ciências naturais. Em outras palavras, as relações homem natureza não são parte integrante das discussões dos mais notórios filósofos clássicos (PLATÃO, 1991, ARISTÓTELES, 1987).

Marx critica esse distanciamento, lembrando que a natureza é o *corpo inorgânico* do homem. A natureza é o seu *corpo* e a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza, pois o homem é uma parte da natureza. “No passado, as formas de organização societárias não capitalistas tinham na natureza prolongamentos de seu próprio corpo” (MARX, 1991, p. 85), “extensão inevitável de objetivação do mundo humano subjetivo e da criação sensível do ser social, enquanto manifestação concreta da vida” (RAMALHO, 2010). Marx reforça que, a partir do momento em que o homem passou a viver em sociedade, desenvolveu a capacidade de projetar em sua mente a melhor forma de alcançar seus objetivos por meio do ato do trabalho (apud SANTOS, p. 26).

Para Engels (1979, p. 223), o animal apenas *utiliza* a natureza, produzindo modificações por sua presença; já o homem a submete, modificando-a como julga necessário, *dominando-a*. Nos diálogos com Marx, Engels discute que, embora a natureza apresente uma dinâmica regida por processos próprios, ela é produzida socialmente, considerando os interesses do sistema vigente. “A história da sociedade é, em última instância, a

¹ Acadêmica do curso de Psicologia; UniCesumar; catherinemenegaldi@gmail.com..

² Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda; UniCesumar; renandalago@gmail.com.

³ Professora orientadora; cursos de Jornalismo e mestrados em Promoção da Saúde e Tecnologias Limpas; ana.velho@unicesumar.edu.br.



história da natureza. Não há duas ‘coisas’ - homem e sua história x natureza -, eles não são separados um do outro; não há uma natureza histórica e de uma natureza natural” (MARX, 1985, p.38).

Hoje, já se adota novos posicionamentos nos estudos sobre homem/natureza, incluindo nestas investigações o ambiente da cidade. Uma das áreas que interessa a esta pesquisa é a da ecologia humana, que já tem sistematizado um arcabouço metodológico para investigar os níveis de interação entre o ser humano e o ambiente desde as questões que vão causar alterações na paisagem até a compreensão de aspectos mais subjetivos nessa relação.

Sabe-se que a vegetação protege o cidadão contra a insolação, reduz as temperaturas e diminuem a formação de ilhas de calor nas cidades, que interferem na direção e velocidade dos ventos. Segundo Belmiro et al. (2013), “as áreas mais quentes da cidade são aquelas com menos verde e maior demanda de energia proveniente de máquinas industriais, de automóveis, e conseqüentemente maior quantidade de poluentes no ar”.

Além das questões acima, as áreas verdes exercem importância fundamental na qualidade de vida da sociedade, influenciando tanto nos aspectos físicos quanto psicológicos dos indivíduos. “A arborização ajuda a criar a paisagem das ruas, praças e parques, contribuindo para dar noção de espaço ao ser humano e realçar o ambiente físico da cidade” (BELMIRO, 2013).

As praças e áreas urbanas são locais de convivência fundamentais para o homem. Na Antiguidade, as Ágoras eram locais em que as pessoas discutiam a sua urbanidade. Esses foram os embriões das praças que conhecemos hoje e eram locais de sociabilidade, mas também de organização da própria arquitetura urbana. Na modernidade e contemporaneidade, surgem os parques urbanos.

Essas áreas, com o tempo, passaram a fazer parte da história das cidades. Além de serem referência para uma orientação socioespacial, fala da vida da cidade, variando de acordo com seus usos, funções e sua forma além dos costumes e tradições de seus habitantes. “O homem, durante o processo de desenvolvimento socioeconômico, estruturou o espaço urbano, de acordo com as suas necessidades de moradia, trabalho e lazer, o que caracteriza um padrão espacial que se apresenta de modo diferente em cada cidade” (SERAFIM, 2008) e localidade.

No Brasil, os parques começaram a surgir no século XVIII, quando a Corte Portuguesa vem para o Rio de Janeiro. Ali, incentivado pelo discurso higienista, a área urbana ganha áreas verdes. Em Maringá, inspirado na política de planejamento urbano inglesa, que sustentou o desenho e a colonização da cidade, o espaço urbano ganhou áreas verdes que são marcas registradas da cidade até hoje. No centro, encontram-se três grandes áreas verdes: o Parque do Ingá, Parque Florestal dos Pioneiros – Bosque II e o Horto Florestal. Os dois primeiros foram projetados em forma de pulmões. O município ainda conta ainda com mais 14 bosques que, somados às milhares de árvores em suas ruas, praças e avenidas, totalizam 166,34 hectares, como está registrado no cadastro de Unidades de Conservação Municipais (BRASIL, 2003).

A maior parte das áreas tem problemas graves, encontra-se em estado de abandono e claramente degradado, a ausência de infraestrutura total (PAULA, 2011). O Parque do Ingá, localizado no coração da cidade, é o que apresenta melhores perspectivas. O parque tem 47,3 hectares, foi inaugurado em 10 de outubro de 1971 e reconhecido como área de proteção ambiental em 1991. É uma área verde constituída de árvores de grande porte, que se alteram com outras espécies típicas, um lago e alguns equipamentos de lazer. Porém, ficou quase dois anos fechado e, mesmo reaberto à visitação, após uma reforma, encontra-se com problemas sérios de erosão e poluição da água do lago (GARRUTTI; ZANIN, 2011), além de não contar com ações municipais que o promovam enquanto espaço de integração social.

Desta forma, se torna importante saber como se dá essa relação, que tipo de sensações essas áreas oferecem, efetivamente, à vida cotidiana e à subjetividade dos cidadãos. Afinal, é a vivência e a própria paisagem que a cidade oferece que constrói a relação concreta e afetiva do cidadão com a área urbana (FERREIRA, 2005). Além das questões fundamentais já apresentadas, oferecidas pelas áreas verdes ao homem, no ambiente urbano, é preciso destacar que a percepção é um fator fundamental na relação do homem com o espaço em que vive. Sob este aspecto, entende-se que a percepção tem duas dimensões: como sensação e como cognição. A percepção como sensação está submetida a uma coleção de estímulos ambientais e mediada pelos órgãos do sentido. Já a percepção como cognição envolve memória, associações e é mediada pela cultura (FRACARO, 2010). É importante saber como se dá essa relação, que tipo de sensações essas áreas oferecem, efetivamente, à vida cotidiana e à subjetividade dos cidadãos. Afinal, as áreas verdes têm um significado importante como ferramenta de representação de Maringá para os cidadãos e para o resto do país e do mundo. Basta ver os encartes e publicações que são distribuídos para falar sobre a cidade. As ilustrações, na maior parte das vezes, são da Catedral Metropolitana ou do Parque do Ingá. E é esta reserva o foco desta pesquisa, visto que é aberto à visitação.

O PROBLEMA

Qual a percepção ambiental, no aspecto de sensação e cognição, os maringenses têm do Parque do Ingá?



Objetivo Geral

Compreender a percepção ambiental, no aspecto de sensação e cognição, que os maringaenses têm do Parque do Ingá.

Objetivos Específicos

- Sistematizar o conceito e os parâmetros de investigação sobre percepção ambiental;
- Aferir a percepção ambiental, no aspecto de sensação e cognição, os maringaenses têm do Parque do Ingá.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa será de caráter exploratório, com análise quanti-qualitativa. Em princípio será desenvolvida uma revisão sistemática de bibliografia sobre percepção ambiental, em nível internacional. As descobertas farão parte das discussões do grupo de pesquisa que conta com alunos do mestrado em Tecnologias Limpas da UniCesumar, já que esta pesquisa é parte de um grande projeto do PPGTL. Junto com este grupo será desenvolvido um instrumento com perguntas fechadas.

A amostra de aplicação do projeto será por conveniência. Serão abordados aqueles que estiverem presentes no entorno do Parque do Ingá, em atividades de lazer ou atividades físicas, em três finais de semana (as datas serão determinadas em conjunto) do mês de fevereiro de 2016, logo após a aprovação dos projetos pelo Conselho de Ética da UniCesumar.

Em seguida, os dados serão tabulados e inseridos num programa de computador (a ser definido) para serem trabalhados estatisticamente (inferências, cruzamentos etc.). Com os dados à mão, os diferentes aspectos serão discutidos pelo grupo do PPGTL, em apoio ao pesquisador de iniciação científica.

3 RESULTADOS ESPERADOS

- Sistematizar dados para subsidiar ações ambientais em parceria com o Poder Público de Maringá;
- Conscientizar a população maringaense acerca do patrimônio verde que possui, por meio do contato com os cidadãos nas sessões de levantamento de dados e por meio de vivências com moradores da cidade em escolas, shoppings etc.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, 384-322 A.C. *A75t Tópicos ; Dos argumentos sofísticos / Aristóteles* ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.A. Pickard. — São Paulo : Nova Cultural, 1987.

BELMIRO, A. et al. Área verde benefícios para a humanidade, saúde pública e qualidade de vida. **Revista Educação Ambiental em Ação**. Número 43, Ano XI. Março-Maio/2013. <http://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=1441>

ENGELS, Friedrich. **A Dialética da Natureza**. Prólogo de J.B.S. Haldane. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FERREIRA, A.D. **Efeitos Positivos Gerados pelos Parques Urbanos: o caso do Passeio Público na cidade do Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental – Universidade Federal Fluminense (UFF). 2005.

FRACCARO, L. C. Z., Mariana Piva da Silva, Silvia Maria Guerra Molina. A Percepção Ambiental sob a ótica da Ecologia Humana: o estudo da população rural do município de Ipeúna, SP. **Anais do IV Encontro da ANPPAS**, 2010. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT2-250-303-20100903201002.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

GARUTTI, S.; ZANIN, T. Responsabilidade Cidadã em Unidades de Conservação: o caso do Parque do Ingá na cidade de Maringá – PR. **Revista Cesumar - Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** v. 16, n. 1, jan./jun. 2011, p. 121-146.

HARPER, Douglas. **Nature** Online Etymology Dictionary. Disponível em: <http://www.etymonline.com/>



MARQUES, J.G. O Olhar (des)multiplicado: o papel do interdisciplinar na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. IN: Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste, 1, 2001, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: Coordenadoria da Área de Ciências Biológicas – Gabinete do Reitor – Unesp/CNPq, 2002.

MARX, Karl . **Formações econômicas pré-capitalistas**. 6a. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

MARX, Karl. **O Capital** – crítica da economia política. Vol. I, Tomo I. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985. (Os economistas).

PAULA, P.F. Estudo de Caso: análise comparativa entre o Parque do Ingá e o Parque do Cinquentenário-Maringá-PR. **Revista GEOMAE** - Geografia, Meio Ambiente e Ensino. Vol. 02, Nº 01, 1º SEM/2011.

PLATÃO. Diálogos / **Platão**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. — 5. ed. — São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores)

RAMALHO, C. W. N. A Natureza da Natureza em Marx. Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe – **Tomo**. São Cristóvão-SE. Nº 17. jul./dez. 2010. P.156.

SANTOS, A.C.N. **A Relação Homem/Natureza**: a destruição da natureza na sociabilidade capitalista. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. – Universidade Federal de Alagoas – Ufal. Faculdade De Serviço Social. 2014.

SERAFIM, Ana Regina M. D. B. da R. O Verde na Cidade: Análise da Cobertura Vegetal Nos Bairros do Centro Expandido da Cidade do Recife – PE. **Anais do IV Encontro da ANPPAS**, 2008. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT8-91-560-20080519075525.pdf>. Acesso em: 2 maio 2015.